e-ISSN: 2177-8183

QUANDO A HISTÓRIA É CANTADA: RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE O USO DE BATALHAS DE RAP NO ENSINO DE HISTÓRIA POR MEIO DO USO DA APRENDIZAGEM BASEADA EM PROBLEMAS (ABP)

WHEN HISTORY IS SINGED: EXPERIENCE REPORT ON THE USE OF RAP BATTLES IN HISTORY TEACHING THROUGH THE USE OF PROBLEM-BASED LEARNING (PBL)

CUANDO SE CANTA LA HISTORIA: REPORTE DE EXPERIENCIA SOBRE EL USO DE LAS BATALLAS DE RAP EN LA ENSEÑANZA DE HISTORIA MEDIANTE EL USO DEL APRENDIZAJE BASADO EN PROBLEMAS (ABP)

Nelcino Henrique Nascimento de Aquino
nelcino.aquino@aluno.ifsertao-pe.edu.br
Mestrando em Filosofia pelo PROF-FILO IFSertãoPE.
Bolsista CAPES

RESUMO

Este trabalho relata uma experiência pedagógica realizada em uma Escola de Referência em Ensino Médio, em Petrolina-PE, que utilizou batalhas de rap como estratégia para o ensino de História, com foco no Tráfico Transatlântico e na resistência à escravidão no Brasil. O objetivo principal foi tornar as aulas de História mais atrativas e significativas, promovendo o engajamento dos alunos por meio da Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP). A intervenção envolveu cerca de 50 estudantes do 2º ano, que investigaram o legado de personalidades negras e produziram canções de rap como forma de expressar o conhecimento adquirido. O referencial teórico incluiu autores como Chimamanda Ngozi Adichie, Frantz Fanon, Paulo Freire e Jörn Rüsen, além de metodologias ativas que priorizam a participação dos alunos na construção do conhecimento decolonial. O procedimento metodológico consistiu em problematizar questões históricas, realizar pesquisas em grupo, produzir letras de rap e organizar uma batalha de rap, a qual foi intitulada "Batalha da Consciência", como culminância do projeto. Os resultados mostraram um aumento no interesse dos alunos pelas aulas de História, especialmente entre aqueles que antes demonstravam baixo rendimento. Além disso, a atividade promoveu o protagonismo

e-ISSN: 2177-8183

juvenil e o engajamento na luta antirracista, evidenciando a eficácia do uso de Metodologias Ativas e da cultura popular no processo de ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Ensino de História. Metodologias ativas. Aprendizagem Baseada em Problemas.

ABSTRACT

This paper reports on a pedagogical experience conducted at a High School Reference School in Petrolina-PE, which used rap battles as a strategy for teaching History, focusing on the Transatlantic Slave Trade and resistance to slavery in Brazil. The main objective was to make History classes more engaging and meaningful, promoting student involvement through Problem-Based Learning (PBL). The intervention involved around 50 second-year students, who investigated the legacy of Black historical figures and composed rap songs as a means of expressing the knowledge they acquired. The theoretical framework included authors such as Chimamanda Ngozi Adichie, Frantz Fanon, Paulo Freire, and Jörn Rüsen, as well as active methodologies that prioritize student participation in the construction of decolonial knowledge. The methodological procedure consisted of problematizing historical issues, conducting group research, composing rap lyrics, and organizing a rap battle, called "Battle of Consciousness," as the project's culmination. The results showed an increase in students' interest in History classes, especially among those who previously had low academic performance. Furthermore, the activity fostered youth protagonism and engagement in the anti-racist struggle, highlighting the effectiveness of active methodologies and popular culture in the teaching-learning process.

Keywords: History Teaching. Active methodologies. Problem-Based Learning.

RESUMEN

Este trabajo relata una experiencia pedagógica realizada en una Escuela de Referencia en Educación Secundaria, en Petrolina-PE, que utilizó batallas de rap como estrategia para la enseñanza de Historia, con un enfoque en el Tráfico Transatlántico de Esclavos y la resistencia a la esclavitud en Brasil. El objetivo principal fue hacer que las clases de Historia fueran más atractivas y significativas, promoviendo la participación de los estudiantes a través del Aprendizaje Basado en Problemas (ABP). La intervención involucró a unos 50 estudiantes de segundo año, quienes investigaron el legado de personalidades negras y compusieron canciones de rap como una forma de expresar el conocimiento adquirido. El marco teórico incluyó autores como Chimamanda Ngozi Adichie, Frantz Fanon, Paulo Freire y Jörn Rüsen, además de metodologías activas que priorizan la participación de los estudiantes en la construcción del conocimiento decolonial. El procedimiento metodológico consistió

e-ISSN: 2177-8183

en problematizar cuestiones históricas, realizar investigaciones en grupo, producir letras de rap y organizar una batalla de rap, llamada "Batalla de la Conciencia", como culminación del proyecto. Los resultados mostraron un aumento en el interés de los estudiantes por las clases de Historia, especialmente entre aquellos que anteriormente mostraban un bajo rendimiento académico. Además, la actividad promovió el protagonismo juvenil y el compromiso en la lucha antirracista, evidenciando la eficacia del uso de metodologías activas y de la cultura popular en el proceso de enseñanza-aprendizaje.

Palabras clave: Enseñanza de la Historia. Metodologías activas. Aprendizaje basado en problemas.

INTRODUÇÃO

Através da linguagem, o *homo sapiens sapiens* desenvolveu complexas estruturas narrativas, ficções, mitos e identidades. Para o professor e historiador Yuval Harari (2015), os organismos pertencentes a esta espécie desenvolveram culturas e a transformação subsequentes dessas culturas é chamada História. Desde milhares de anos, contar histórias é uma maneira de propagar o conhecimento de uma geração para outra, sendo as rodas em torno de fogueiras um meio catalisador para e nesse processo (Wrangham, 2010). Essas narrativas, contadas ao longo dos anos, transmitiam não apenas experiências vividas, como também indagavam a respeito da sociedade e do mundo ao redor. Assim, a arte de contar histórias acompanhou a longa jornada da Humanidade.

Hoje, existe uma polissemia em torno do termo História. Umas das definições refere-se ao conhecimento científico, produzido por meio da problematização do passado, a partir das demandas do tempo presente. Marc Bloch (2001) caracteriza a História como a ciência que estuda as ações humanas através do tempo. Esse saber é transposto didaticamente e ensinado no processo de escolarização.

Porém, estabeleceu-se no ensino dessa disciplina uma metodologia tradicional, que define o professor como transmissor do conhecimento, enquanto o aluno, passivo,

o memoriza. Por conseguinte, observou-se o desinteresse dos estudantes em sala de aula, afetando negativamente o processo de aprendizagem. Nessa ocasião, deve-se refletir acerca do seguinte problema: "*De que maneira as Metodologias ativas podem contribuir para tornar as aulas de História mais atrativas e melhorar a aprendizagem?"*

Frente ao desinteresse dos estudantes em relação às abordagens mais tradicionais, é necessário refletir acerca da mediação pedagógica nas aulas de História. Para o educador Paulo Freire (1997, p. 25): "A mediação pedagógica é um processo de interação, dialógico, no qual tanto professor quanto aluno aprendem e ensinam juntos, em co-construção, pois quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender".

Para isso, busca-se cada vez mais a interdisciplinaridade com outras disciplinas e áreas do conhecimento bem como o uso de Metodologias Ativas para engajar os alunos na construção do saber histórico escolar. Destaca-se, também, que os objetivos do ensino de História estão relacionados à construção da identidade e à compreensão das permanências e transformações da sociedade. Além do mais, deve-se contribuir para o estudante pensar historicamente, com o intuito de problematizar, compreender, posicionar-se e agir como sujeito histórico diante das relações sociais cotidianas.

É ainda um dever do ensino de História subverter o caráter eurocêntrico que foi dado a esta disciplina desde sua afirmação como ciência no século XIX. O filósofo Frantz Fanon (2008) alerta para a necessidade de descolonizar o conhecimento, permitindo que outras narrativas sejam valorizadas. Para a escritora Chimamanda Ngozi Adichie, a narrativa colonial cria uma história única. O perigo dessa narrativa branca é que ela "cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma história se torne a única história." (2019, p. 14).

Diante deste desafio, a estratégia didática utilizada na construção do saber histórico escolar deve estimular um ensino investigativo e decolonial, por meio de metodologias ativas. Segundo Diesel, Baldez e Martins (2017, p.4) "enquanto o

método tradicional prioriza a transmissão de informações e tem sua centralidade na figura do docente, no método ativo, os estudantes ocupam o centro das ações educativas e o conhecimento é construído de forma colaborativa".

BACICH & MORAN (2018) apontam que o caminho que apresenta, de forma mais profunda e em menor tempo, os melhores resultados na educação formal é a aprendizagem por projetos, por design, por problemas, construindo histórias, "interagindo com a cidade com o apoio de mediadores experientes, equilibrando as escolhas pessoais e as grupais" (BACICH & MORAN, 2018: 8).

Neste cenário, com o auxílio das Metodologias Ativas, é função da História desenvolver a autonomia intelectual e a colaboração entre os sujeitos, a fim de que eles investiguem em diversas fontes e compreendam que o saber representado nos livros didáticos, na mídia ou em quaisquer outros meios de informação não representam uma verdade absoluta. Assim, é necessário que os discentes não apenas confrontem documentos históricos, como também produzam narrativas capazes de explicar os problemas do presente por meio do conhecimento do passado, a partir de diversas perspectivas historiográficas.

Diante deste desafio, apresenta-se como estratégia didática a utilização da música no processo de ensino-aprendizagem. Esse recurso pode estreitar o diálogo entre alunos, professores e o conhecimento, por meio da problematização de temáticas presentes na vida dos educandos. As canções devem ser utilizadas "para buscar maior aproximação dos(as) estudantes com os conhecimentos a serem adquiridos ou produzidos por eles no ambiente de sala de aula" (Bodart, 2021, p.13).

Ademais, é importante destacar que atualmente tem aumentado o número de jovens que "se colocam como produtores culturais e não apenas fruidores, agrupando-se para produzir músicas, vídeos, danças, ou mesmo programas em rádios comunitárias". (Dayreel, 2007, p. 1109). Dentre os estilos musicais consumidos pelos jovens, o rap caracteriza-se por "uma poesia cantada com um contorno melódico típico, que lembra mais a fala que o canto tradicional e com apoios rítmicos marcados" (Fialho; Araldi, 2009, p.2).

Dessa forma, objetiva-se apresentar como a produção cultural estudantil pode estimular a autonomia intelectual, a investigação, o pensamento crítico, a colaboração e a divulgação do conhecimento histórico escolar produzidos pelos estudantes. Mais especificamente, pretende-se relatar sobre como as batalhas de rap podem ser utilizadas didaticamente, com o intuito de auxiliar o ensino e a aprendizagem nas aulas de História.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Apresenta-se um estudo descritivo, do tipo relato de experiência, realizado com quatro turmas do 2º ano, na Escola de Referência em Ensino Médio Antônio Padilha (EREMAP), localizada em uma periferia de Petrolina-PE. A atividade integrou uma experiência envolvendo o uso de Metodologias Ativas, no componente curricular História, com foco na Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP). Mais especificamente, buscou-se auxiliar o ensino-aprendizagem acerca dos movimentos de resistência à escravidão no Brasil e o combate ao racismo através da participação dos estudantes em batalhas de rap realizadas na escola. A experiência contou com a participação de cerca de 50 estudantes, na faixa etária de 16 a 17 anos, entre os meses de agosto a novembro de 2023.

Inicialmente, a ementa de História do terceiro bimestre foi apresentada para os estudantes. Nela, no eixo “Sujeito Histórico”, buscava-se “refletir sobre a importância dada a determinados personagens históricos que ocupam lugar mais destacado nos registros oficiais” (Pernambuco, 2020, p.242). Frente a isso, foram levantados alguns problemas, por exemplo: *“Por que os heróis nacionais são majoritariamente homens brancos?”*

Em seguida, o professor orientou os alunos a realizarem investigações a respeito do legado de homens e mulheres negras no Brasil, entre 1530 e 1888. Dessa forma, eles foram convidados a construir um conhecimento histórico decolonial em

sala de aula. Afinal: "As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar" (Adichie, 2019, p. 16).

Além da realização desta pesquisa, os jovens foram desafiados a produzirem canções de rap a partir do conhecimento histórico construído. Com o objetivo de apresentar esses produtos culturais para a comunidade escolar, foi proposta a realização de uma batalha de rap no mês da Consciência Negra. Para tanto, os alunos formaram grupos com o objetivo de realizar a investigação histórica e participaram de uma oficina de produção musical. Logo após, iniciou-se a elaboração das canções: a síntese da pesquisa, a escrita do rap, e as buscas por *beats* de uso livre para a musicalização da letra da canção.

Por fim, cada equipe realizou a revisão textual, o ensaio e a gravação da canção, e inscreveu-se na batalha de rap. Foi realizada uma avaliação por pares a fim de buscar plágio ou qualquer irregularidade relacionada às regras da culminância. O evento chamou-se *Batalha da Consciência* e aconteceu no dia 23 de novembro, de modo que os grupos apresentaram ao vivo as suas produções culturais e foram avaliados pela comunidade escolar, com o propósito de premiar as três melhores canções.

Vale destacar que o rap faz parte do cenário cultural dos estudantes desta escola de referência em Ensino Médio. Por isso, foi utilizado nesta prática pedagógica como meio de mediação capaz de construir uma ponte entre a juventude e o conhecimento histórico. Esse estilo musical tem ocupado cada vez mais espaço na sociedade: tanto no mundo digital, através das redes sociais e plataformas de *streaming*; quanto nas escolas e praças públicas, por meio de batalhas de rap. Portanto, tem demonstrado um grande poder de dialogar com as diversas realidades e conflitos das juventudes contemporâneas.

Todavia, ao ser utilizado em sala de aula, foi necessário contextualizar que o rap não foi desenvolvido com finalidade pedagógica, e, por isso, foi preciso recontextualizá-lo para alcançar a intencionalidade da prática de ensino-

aprendizagem. Ademais, por si só, a composição de um rap já exige uma postura ativa, investigativa e cooperativa por meio das seguintes etapas: definição e problematização da temática; pesquisa na internet, livros, revistas, jornais e outras fontes a respeito do tema; ampliação do vocabulário com novas palavras; busca de inspirações nas referências do cenário musical; escrita da letra e composição da canção; ensaio e apresentação ao público (Fialho; Araldi, 2009).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A ação iniciou-se junto com o terceiro bimestre do ano letivo. A princípio, o professor questionou os alunos a respeito de qual é a finalidade do ensino de História. Depois de uma rápida reflexão, predominou entre os jovens a hipótese de que essa disciplina tem como objetivo estudar o passado. Em seguida, outra questão foi levantada pelo docente: *Para que estudamos o passado?* Dessa vez, o silêncio prevaleceu e os alunos não apresentaram nenhuma proposição. Esse breve relato pedagógico aponta para uma ausência de sentido no ensino de História.

É impossível pensar a educação ignorando as relações de poder, tornando assim necessário sempre ouvir os alunos a respeito do sentido e das expectativas a respeito de aprender algo. Paulo Freire alerta aos educadores e educadoras que dizer aos alunos “sempre a nossa palavra, sem jamais nos expormos e nos oferecermos à deles, arrogantemente convencidos de que estamos aqui para salvá-los, é uma boa maneira que temos de afirmar o nosso elitismo, sempre autoritário” (1989, p. 17).

Para o historiador Jörn Rüsen (1989), deve-se apreender a História como uma experimentação cultural, e os objetivos orientativos devem estar à disposição dos educandos. Porém, o ensino tradicional limita-se a estabelecer uma relação em que o professor transmite um saber histórico verdadeiro, ou seja, pronto e acabado. E, em consequência disso, o aluno torna-se um receptor passivo deste conhecimento. Sobre essas reflexões acima e convergentes com as mesmas, Maria Auxiliadora Schmidt e

Marlene Cainelli (2004, p.19) observam que a “dinâmica da subjetividade fica estagnada quando a História é ensinada como algo certo, dado”. Assim, um estudante passivo não desenvolve a habilidade de dar sentido à História.

Dando continuidade com a apresentação da ementa curricular do terceiro bimestre para os estudantes, identificou-se como objeto do conhecimento o estudo acerca do Tráfico Transatlântico e a resistência contra a escravidão no Brasil. Frente a isso, foi lançada a problematização que direcionou o debate e serviu de estopim para esta prática pedagógica: *Se houve luta contra a escravidão, quem foram os heróis e heroínas da resistência?*

Para inflamar o debate, foi exibido um trecho do filme *Uma História de amor e fúria* (2013), relacionado à Balaiada - revolta popular iniciada na província do Maranhão, entre 1838 e 1841. Para instigar um pouco mais a imaginação e curiosidade dos estudantes, foram levantados novos questionamentos: *Por que os heróis nacionais são majoritariamente homens brancos? Qual a relação entre o apagamento histórico da população negra brasileira e a construção e manutenção de um Estado racista?* Segundo Fanon (2008), para superar essa condição, é necessário romper com as estruturas coloniais que perpetuam a opressão racial. Portanto, deve-se descolonizar o conhecimento e permitir que outras narrativas sejam valorizadas. Para o filósofo, embora o negro tente unicamente afirmar-se como humano, as narrativas do colonizador europeu não permitem que as pessoas negras se identifiquem como algo além do que descendentes de escravos. A respeito disso, vale destacar que Schmidt e Cainelli (2004, p. 37) observam que:

> a História tem uma função didática de formar uma consciência histórica cada vez mais complexa, com a perspectiva de fornecer elementos para a orientação, interpretação do passado, para dentro, construindo identidades, e para fora, fornecendo sentido para a ação na vida prática, no sentido proposto pelo que se entende por literacia histórica.

Nesta prática pedagógica, com o objetivo de desenvolver tanto a consciência histórica quanto a literacia histórica, o professor partiu das questões lançadas no

e-ISSN: 2177-8183

primeiro encontro do bimestre, para iniciar uma prática pedagógica baseada na Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP). Essa Metodologia Ativa busca estimular o protagonismo dos estudantes frente a problemas reais, e no que toca às Ciências Humanas, estas devem contribuir para a formação crítica com relação ao mundo humano e contribuir para a formação de sujeitos problematizadores e criativos. No contexto atual, o docente pode ser auxiliado pelo uso da ABP.

Outro ponto a ser analisado é que a ABP busca uma mudança radical, visto que o foco deixa de ser o ensino e passa a ser a aprendizagem. Ademais, como resultado o estudante desenvolve uma postura ativa na busca pelo aprendizado, enquanto o professor-tutor passa a auxiliar um grupo de alunos frente a uma situação-problema que, preferencialmente, estará relacionada a questões cotidianas – unindo a teoria e a prática (Queiroz, 2012). A respeito disso, o autor aponta as seguintes etapas da ABP:

> 1. Distribuição e leitura do problema e identificação dos termos desconhecidos;
> 2. Interpretação e discussão do texto. Identificação do problema central e das palavras-chave.
> 3. Levantamento do conhecimento prévio com formulação de hipóteses (brainstorm).
> 4. Resumir as hipóteses possíveis elaborando uma síntese da discussão.
> 5. Elaboração dos objetivos de aprendizagem e identificação das estratégias de pesquisa a serem percorridas (as fontes bibliográficas sugeridas e os recursos disponíveis)
> 6. Pesquisa e elaboração individual concernentes aos objetivos propostos.
> 7. Síntese da Abertura. Discussão do problema a partir das pesquisas realizadas, efetivando a 'solução' do problema; Síntese final; elaboração posterior de relatório pelo relator (Queiroz, 2012, p.08).

Por conseguinte, após a leitura da ementa do bimestre, seguida pela identificação de questões-problema relacionadas ao objeto do conhecimento a ser estudado, bem como o levantamento do conhecimento prévio dos alunos manifestados através de hipóteses e indagações, o professor orientou os estudantes sobre as próximas etapas da sequência didática. Nesse momento, os alunos foram

e-ISSN: 2177-8183

instruídos a formar grupos, com o propósito de aprofundar a reflexão, aliado à construção de hipóteses para os problemas históricos levantados em sala de aula, para, posteriormente, pesquisar por meio de fontes históricas com o objetivo de elaborar narrativas decoloniais, concebidas pela descrição, análise e explicação, valorizando saberes e identidades marginalizadas pelo colonialismo. Por fim, após realizar a síntese do conhecimento histórico construído por meio da investigação, os jovens foram desafiados a produzir um rap, apresentá-lo para a comunidade escolar e depois compartilhar a gravação em vídeos nas redes sociais.

Durante a formação das equipes, os estudantes foram orientados a priorizar a diversidade entre os integrantes a fim de agrupar inteligências múltiplas. Gardner (2001) observa que cada indivíduo possui um conjunto de habilidades, talentos e capacidades - chamado de inteligência -, todavia, ela manifesta-se em diferentes graus. Nesta atividade foi de grande importância, por exemplo, a inteligência linguística, a corporal-cinestésica, a interpessoal, a intrapessoal e a musical. Em seguida, os grupos definiram suas hipóteses e iniciaram as pesquisas. Nesse processo investigativo o estudante passa de uma visão sincrética do problema, para uma perspectiva analítica e sintética. Ademais, deve-se observar que:

> A partir de uma maior interação do aluno no processo de construção do próprio conhecimento, que, conforme explicitado anteriormente, é a principal característica de uma abordagem por metodologias ativas de ensino, o aprendiz passa a ter mais controle e participação efetiva na sala de aula, já que exige dele ações e construções mentais variadas, tais como: leitura, pesquisa, comparação, observação, imaginação, obtenção e organização dos dados, elaboração e confirmação de hipóteses, classificação, interpretação, crítica, busca de suposições, construção de sínteses e aplicação de fatos e princípios a novas situações, planejamento de projetos e pesquisas, análise e tomadas de decisões (Souza; Iglesias; Pazin-Filho apud Diesel; Baldez; Martins, 2017, p.273).

É importante ressaltar que, através da pesquisa, importantes personalidades negras que lutaram contra a escravidão no Brasil foram identificadas pelos estudantes, entre elas destacaram-se as histórias de Aqualtune, Zumbi dos Palmares,

Dandara dos Palmares, Luisa Mahin e Luís Gama. Durante as investigações, novos questionamentos, hipóteses e debates foram trazidos para sala de aula pelos estudantes.

A exemplo disso, descreve-se que um grupo encontrou na internet a reprodução de uma suposta fotografia de Dandara dos Palmares, porém os estudantes logo perceberam que esse recurso tecnológico não existia durante o Brasil colonial, período em que viveu essa guerreira quilombola (1654-1694). Portanto, formularam a hipótese de que aquela não poderia ser uma foto de Dandara. Então, realizaram uma nova busca e chegaram à informação de que a foto representava a revolucionária Luísa Mahin.

Não satisfeita, a equipe continuou investigando até encontrar no site DW Brasil (Veiga, 2023) a informação de que como "não há fotografias ou pinturas de Luiza Mahin, esta foto de 1870, conhecida como 'Mulher de Turbante', acabou sendo usada para representá-la". Segundo o *The Intercept* Brasil (Santos, 2019), "muitos historiadores menosprezam a tradição oral, a grande fonte de relatos sobre as biografias apagadas de escravizados, como Dandara e Luísa Mahin". Assim, os alunos chegaram à conclusão de que os métodos historiográficos que priorizam fontes escritas contribuem para o apagamento histórico de personalidades negras. Através desse relato, observa-se que à medida que os estudantes construíam o conhecimento histórico, o aprendizado acontecia.

Após a realização das pesquisas históricas, iniciou-se o processo de produção das canções. Para isso foram realizadas oficinas de música. Elas foram divididas em duas etapas: na primeira, o professor trouxe canções nacionais que abordam acerca da luta contra a escravidão e o combate ao racismo; na segunda etapa, foram apresentadas orientações técnicas a respeito da escrita das letras e sua musicalização.

Primeiramente, foram reproduzidas e analisadas em sala de aula canções como Zumbi (1974), de Jorge Ben Jor; A carne (2002), de Elza Soares; Negro Drama (2002), do Racionais MC's; Boa esperança (2012), de Emicida; e Cota não é esmola

(2019), de Bia Ferreira. Essas canções contribuíram para exemplificar como a ampla produção cultural brasileira representou a luta contra a escravidão e o racismo. Além disso, realizou uma aproximação entre o conhecimento histórico e a realidade vivida pelos estudantes. Por conseguinte, contribuiu para uma aprendizagem mais significativa. Aqui, ressalta-se que "quando rejeitamos a história única, quando percebemos que nunca existe uma história única sobre lugar nenhum, reavemos uma espécie de paraíso." (Adichie, 2019, p. 17).

Já na parte prática, os estudantes foram estimulados a produzir sínteses do conhecimento histórico adquirido para, em seguida, transformá-lo em canções de rap. No que diz respeito à produção autoral da letra, recomendou-se que os estudantes utilizassem uma métrica muito comum na literatura de cordel: a quadra. Ela foi escolhida devido à sua popularidade entre os estudantes, simplicidade de escrita e beleza estética. Além disso, sua estrutura poética adequa-se apropriadamente à melodia e forma de cantar o rap. Com o objetivo de concluir a produção cultural, os jovens buscaram *beats* de uso livre para musicalizar as composições autorais.

Nesse processo, as aulas expositivas foram reduzidas e o professor foi auxiliado por atividades orientadas através do ensino híbrido. Por conseguinte, o tempo de sala de aula foi aproveitado para todos dialogarem, refletirem e criarem soluções para problemas reais. Este processo aconteceu de forma personalizada, colaborativa e monitorada (Moran, 2018).

Após a conclusão das canções, os estudantes revisaram as letras e gravaram a música com o uso de aplicativos e recursos tecnológicos domésticos. Tanto na fase de pesquisa quanto na produção cultural, os jovens fizeram uso constante das Tecnologias da Informação e Comunicação (TDIC). Almeida e Valente (2012) aponta que por meio das TDIC, ampliam-se as maneiras de narrar algo. Assim, as mídias digitais podem criar maneiras de os alunos estruturarem suas experiências de vida e compartilharem seus conhecimentos. Isso é importante não apenas para o letramento tecnológico dos estudantes, mas também possibilita que o professor identifique como o discente organiza e representa o conhecimento adquirido para que, posteriormente,

o educador o auxilie no processo de depuração de um conhecimento analítico e sincrético.

Almeida e Valente (2012) afirmam ainda que a produção de narrativas sofreu profundas transformações com o processo de digitalização. Todas as linguagens que acompanham a humanidade há cerca de 5 mil anos foram digitalizadas. Agora elas podem ser utilizadas e integradas umas às outras através de aparelhos digitais. Isso torna as narrativas digitais mais interativas e possibilita processos não lineares, podendo ser utilizadas com fins pedagógicos para aumentar a imersão nas relações de ensino e aprendizagem. Por isso, deve-se analisar o uso de narrativas digitais tanto pedagogicamente quanto no processo de letramento tecnológico.

Porém, não basta apenas disponibilizar os recursos digitais no cotidiano escolar, visto que também se faz necessário que os alunos saibam utilizar esses recursos para, através deles, refletir e problematizar a realidade e, por conseguinte, compartilhar o resultado de suas investigações através dessas narrativas. Em seguida, as equipes se reuniram junto ao professor para definir as regras da batalha de rap bem como criar uma comissão organizadora para o evento. Decidiu-se, em comum acordo, que a culminância seria chamada *Batalha da Consciência*, e aconteceria em novembro, mês da Consciência Negra.

Nesse momento, ressalta-se outro aspecto tão importante quanto à produção do conhecimento histórico escolar através das Metodologias Ativas. É necessário, sobretudo, instigar o protagonismo juvenil e o engajamento participativo no espaço escolar por meio da produção cultural. Para Dayrell e Carrano (2014), esse é um dos grandes desafios que atualmente os professores e professoras encontram diante dos estudantes que acabam de chegar ao ensino médio.

Sobre esse engajamento participativo dos estudantes, pode-se afirmar que, além de ampliar a aquisição de novas aprendizagens e habilidades, a “dimensão educativa e formativa da participação pode propiciar aos jovens o desenvolvimento de habilidades discursivas, de convivência, de respeito às diferenças e à liderança,

dentre outras capacidades relacionadas com o convívio na esfera pública". (Dayrell; Carrano, 2014, p. 122).

Por fim, a culminância dessa sequência pedagógica aconteceu na Batalha da Consciência. O evento fez parte da programação do mês da Consciência Negra. Na ocasião, a comunidade escolar parou para prestigiar as produções culturais dos alunos e alunas do 2º ano, inclusive, notou-se que alguns jovens com pouco interesse em atividades escolares engajaram-se profundamente na batalha de rap. Os estudantes apresentaram suas canções por meio de rimas que manifestavam a construção do conhecimento histórico escolar, sobre a escravidão e suas consequências no Brasil contemporâneo, e, por meio desses artefatos culturais, denunciaram a violência contra a população negra e reivindicaram politicamente a construção de uma sociedade livre, justa e antirracista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto foi possível concluir que o uso da batalha de rap auxiliou a compreensão dos alunos sobre o Tráfico Transatlântico e a luta contra a escravidão no Brasil. A utilização de canções aproximou o conhecimento científico da realidade dos jovens do ensino médio. Além disso, eles se sentiram mais motivados durante o processo investigativo, pois, desde o momento da definição da questão-problema desta pesquisa, desejaram buscar conhecimento para a produção do rap. Assim, as aulas de História deixaram de ser vistas como algo desinteressante, descontextualizado e sem sentido.

Este trabalho possibilitou não apenas a utilização de canções como recurso para os alunos terem acesso ao conhecimento histórico, como também possibilitou que eles utilizassem o rap para compartilhar de maneira autoral o conhecimento construído através da investigação. Dessa forma, todas as etapas da sequência

(problematização, investigação, argumentação, debate, validação, escrita e produção cultural) contribuíram para o resultado satisfatório da intervenção pedagógica.

Ora, cabe reafirmar que a mediação pedagógica desta prática docente faz uso de batalhas de rap como recursos para auxiliar a construção do saber histórico escolar. Esses recursos não apenas tornaram a aula mais interessante, como também aproximaram o conhecimento da realidade dos alunos e contribuíram com uma aprendizagem significativa.

Para desenvolver essa capacidade foi fundamental que a estratégia didática utilizasse metodologias ativas. Além do mais, o processo construiu-se em três movimentos: a construção individual, em que o aluno percorre seu próprio caminho; a grupal, em que se aprende com outros alunos; e a orientada, em que se aprende com o auxílio do professor (Moran, 2018).

Assim, esta pesquisa buscou contribuir com os atuais desafios da educação pública, sobretudo, do ensino de História na educação básica, visto que buscou materializar o resultado das pesquisas discentes por meio de canções apresentadas em uma batalha de rap, a fim de contribuir com a formação crítica, científica e decolonial dos educandos como também no engajamento participativo e criativo desses sujeitos no espaço escolar por meio da produção cultural.

Por fim, é necessário destacar que qualquer intervenção, inovadora ou não, feita em espaços de educação formal deve dialogar com a comunidade escolar, tendo em vista os desafios do mundo contemporâneo. Assim, é construída uma educação democrática e emancipatória.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Companhia das Letras, 2019.

e-ISSN: 2177-8183

DE ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini; VALENTE, José Armando. **Integração currículo e tecnologias e a produção de narrativas digitais**. Currículo sem fronteiras, v. 12, n. 3, p. 57-82, 2012.

BACICH, Lilian; MORAN, José. **Metodologias ativas para uma educação inovadora:** uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Penso, 2018.

BLOCH, Marc. **Apologia da história, ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. BURKE, Peter.

BODART, Cristiano das Neves. **Usos de canções no ensino de Sociologia**. Maceió: Editora Café com Sociologia, 2021.

DAYRELL, Juarez. **A escola faz juventudes?** Reflexões em torno da socialização juvenil. Campinas: Educação & Sociedade, v. 28, n. 100, p. 105-1128, out. 2007.

DAYRELL, Juarez.; CARRANO, Paulo. **Juventude e ensino médio**: quem é este aluno que chega à escola. Juventude e Ensino Médio: sujeitos e currículos em diálogo. Belo Horizonte: Editora UFMG, p. 101-133, 2014.

DIESEL, Aline.; BALDEZ, Alda Leila Santos; MARTINS, Silva Neumann**. Os princípios das metodologias ativas de ensino:** uma abordagem teórica. Revista Thema, v. 14, n. 1, p. 268-288, 2017.

FANON, Frantz. **Peles negras, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silva. Salvador: EDUFBA, 2008.

FIALHO, Vania Malagutti; ARALDI, Juciane. **Fazendo rap na escola**. Música na educação básica, v. 1, n. 1, 2009.

Freire, Paulo. **A importância do ato de ler:** Em três artigos que se completam São Paulo: Autores Associados, 1989

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

GARDNER, Howard. **Inteligência**: um conceito reformulado. Tradução de Adalgisa Campos da Silva. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p.62-75.

HARARI, Yuval Noah. **Sapiens**: História breve da humanidade. Elsinore, 2013.

MORAN, José. **Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda**. Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Penso, p. 02-25, 2018.

e-ISSN: 2177-8183

MORAN, José. **O papel das metodologias na transformação da Escola.** Metodologias ativas para uma educação inovadora. Porto Alegre: Penso. Disponível em: http://www2. eca. usp. br/moran/wp-content/uploads/2013/12/Papel_metodologias_Moran. pdf, 2018. Acesso em: 02 de janeiro 2024.

PERNAMBUCO. Secretaria de Educação e Esportes. **Reorganização Curricular Ensino Médio**. Recife, 2020.

QUEIROZ, Anabela. PBL, **Problemas que trazem soluções**. Revista Psicologia, Diversidade e Saúde, v. 1, n. 1, 2012.

RÜSEN, Jörn. **O desenvolvimento da competência narrativa na aprendizagem histórica** — Uma hipótese ontogenética sobre a consciência moral. História e Memória, v. 1, n. 2, p. 35-59, 1989.

SANTOS, Ale. **O racismo da academia apagou a história de Dandara e Luisa Mahin**. Intercept Brasil, 03 de junho 2019. Disponível em: https://www.intercept.com.br/2019/06/03/dandara-luisa-mahin-historia/. Acesso em: 02 de janeiro 2024.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora.; CAINELLI, Marlene. **Ensinar história**. São Paulo: Scipione, 2004.

VEIGA, Edison. **Luiza Mahin**: a mulher que virou mito da força negra feminina. DW Brasil, 20 de novembro 2023. Disponível em: https://www.dw.com/pt-br/dia-da-consci%C3%AAncia-negra-conhe%C3%A7a-luiza-mahin-a-mulher-que-virou-mito-da-for%C3%A7a-negra-feminina/a-67454355. Acesso em: 02 de janeiro 2024.

WRAGHAM, Richard. **Pegando fogo**: por que cozinhar nos tornou humanos. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2010.